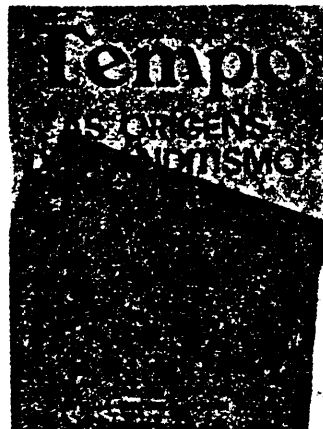


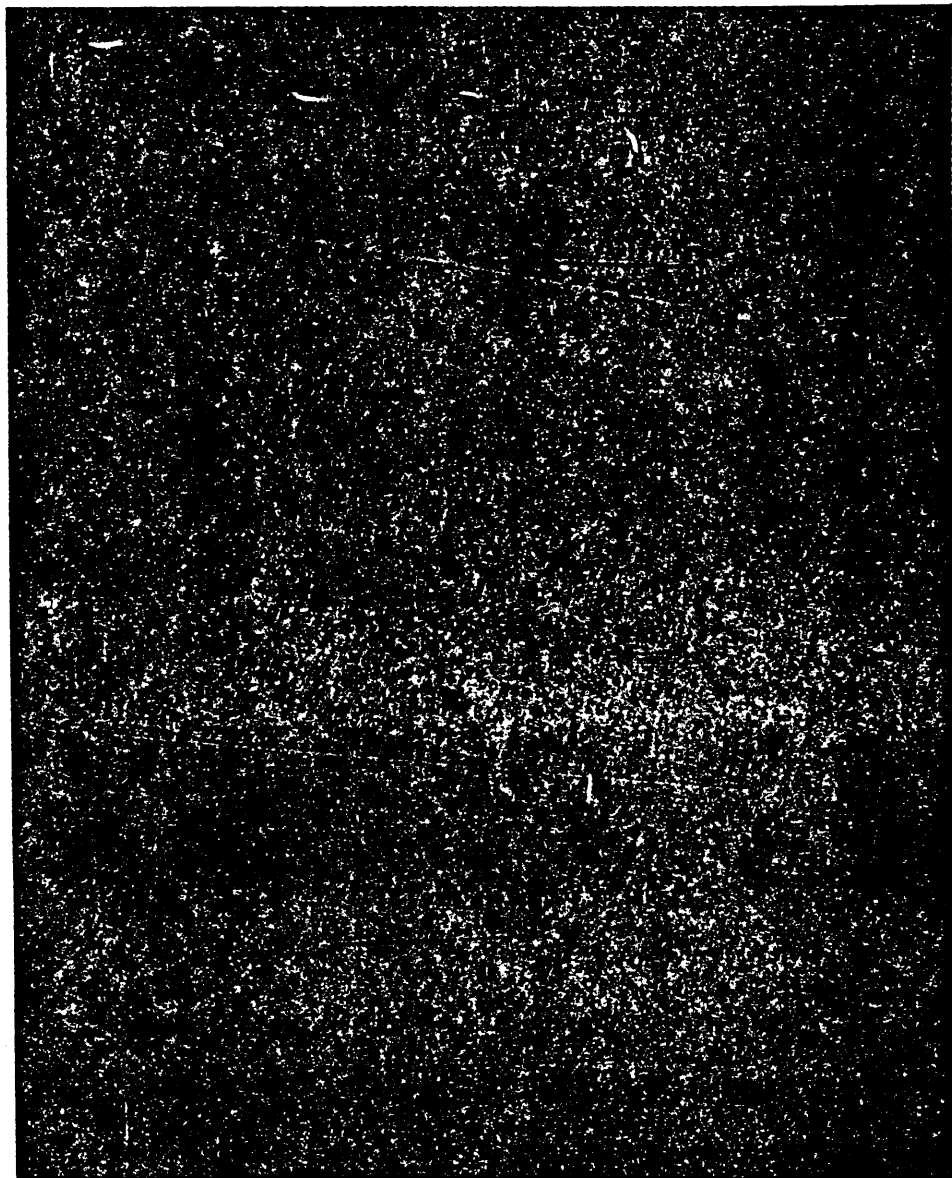
# “Operações especiais”

## ● As origens do banditismo na África Austral

Por Alves Gomes



«Operações especiais» é o título de um documento «muito secreto» produzido pela PIDE/DGS em 1971, em resultado de várias reuniões envolvendo os serviços secretos de Portugal, Rodésia e África do Sul. Sintetizando o projecto de desestabilização dos estados independentes da África Austral, este documento contém informações vitais para se entender o fenómeno actual do banditismo armado praticado contra a República Popular de Moçambique pela Rodésia e África do Sul



Detalhes sobre as diferentes acções do projecto de desestabilização (montagem de páginas do documento)

Acabáramos de entrar no «La Fontaine» do Miekles Hotel de Salisbúria, quando o pianista reconheceu o nosso convidado, interrompendo subitamente o seu movimento de mãos.

Enquanto o Chefe de Sala nos indicava a mesa onde iríamos jantar, podíamos já identificar os primeiros acordes da melodia de Bing Crosby, «Where have the all flowers gone» (1), dedicada aos jovens soldados americanos que participaram na II Guerra Mundial.

Kenneth David Flowers, um escocês de estatura média e olhar perscrutador, sorriu por detrás do seu bigode ruivo e farto, agradecendo ao velho senhor sentado ao piano.

Nove dias após a proclamação da Independência do Zimbabwe, o Chefe dos serviços secretos rodesianos, o Central Intelligence Office (CIO), dispunha-se a «falar da História», numa atitude mista de constrangimento dos últimos dias do polícia intelectualizado.

Os segredos da Rodésia, conhecia-os tão bem ou melhor do que o próprio Ian Smith, a quem tinha preparado os encontros com Salazar e Caetano, até às conferências com os britânicos e mesmo com «amigo simpático e pessoal», Joshua Nkomo.

Foi depois de já estar aberta a segunda garrafa do rodesiano vinho «Burgundy», quando Ken Flowers nos disse que uma das «operações especiais» do seu CIO tinha sido a «criação de grupos de desestabilização armada contra Moçambique». Foi então que, justificou essa operação dizendo que «guerra é guerra, e na guerra tudo é permitido».

Flowers revelou inúmeros detalhes históricos. As suas constantes reuniões com «homens da PIDE» em Lisboa, Luanda e Lourenço Marques, a sua partida da capital portuguesa para Salisbúria no último avião que dali safou antes do golpe de 25 de Abril, depois de «ter dito a Caetano que poucas chances havia em derrotar a FRELIMO».

Mas Flowers também deixou a meio, muitos dos temas da longa conversa, para homenagear a «dura luta contra os moçambicanos»

ao longo do período que decorreu entre 1976 e 1979.

Um destes temas abandonados, devido a «falhas de memória» foi o do início da preparação das «operações especiais de desestabilização», onde ficámos pela «falta de visão da PIDE em 1971, que não quis ir para a frente com a operação depois de várias reuniões com Gomes Lopes» «Inspector da PIDE/DGS de Moçambique».

Para os rodesianos aquele era, no entanto, um momento crucial.

A FRELIMO havia atravessado o rio Zambeze na província de Tete e «sabia-se da presença dos homens da ZANU», o que levou o regime de Ian Smith a recorrer aos seus aliados da zona, Portugal e África do Sul, para «tentar parar o eficiente e rápido avanço da FRELIMO».

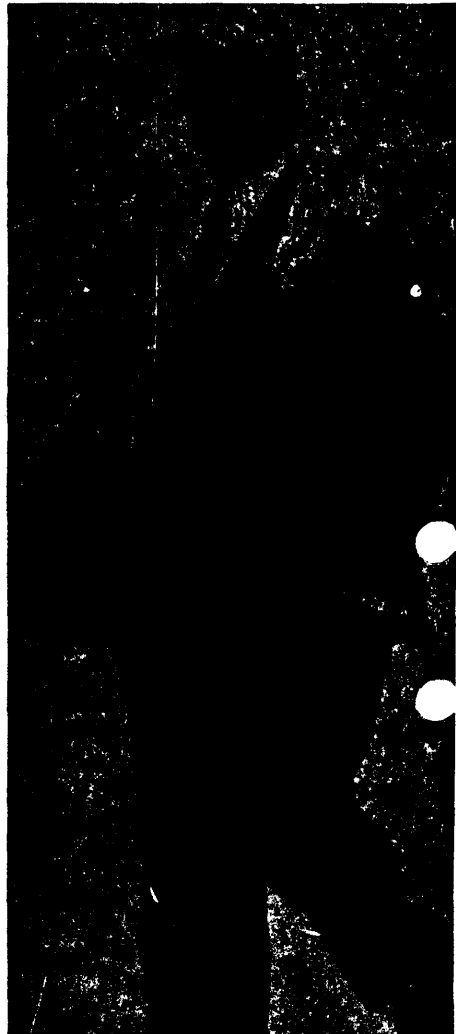
«Foi nessa altura que nasceram as operações especiais», segundo Flowers. É no decorrer de 1971 que os rodesianos propõem a criação de grupos armados para desestabilizar as retaguardas dos Movimentos de Libertação, naquilo que se podem considerar as origens do banditismo armado na África Austral.

Um abandonado documento da PIDE/DGS, escrito em Julho de 1971 em Lourenço Marques e cuja cópia nos foi facultada em Lisboa, é disso prova.

Intitulado «operações especiais» o plano conjunto da Rodésia, Portugal e África do Sul só seria parcialmente posto na prática contra a Zâmbia. Mas, volvidos cinco anos, em 1976, a Rodésia decidiria aplicar na totalidade o projecto do banditismo armado contra a República Popular de Moçambique.

Numa primeira reunião que tem lugar em Lisboa, nos finais de Maio de 1971, encontram-se os chefes da BOSS, General Van der Berg, do CIO, Ken Flowers e da PIDE/DGS, Silva Pais. É criada então uma comissão que visita Angola, Namíbia, reunindo-se finalmente em Julho em Lourenço Marques, onde o CIO apresenta o projecto.

«Angola, Moçambique e a África do Sul — diz o documento —, estabeleceriam campos de refugiados zambianos que, posterior-



Gomes Lopes, Inspector da PIDE em Lourenço Marques que com Jack Barry do CIO rodesiano preparou o documento sobre as «operações especiais». Barry viria a ser em 1977 o primeiro instrutor dos BA's em Odzi

mente, seriam enviados para a Zâmbia a fim de naquele país criarem desassossego e insegurança».

A 8 de Julho, num encontro em Salisbúria em que apenas participam Gomes Lopes e Jack Barry, devido a alguns desentendimentos entre os serviços secretos envolvidos, é estabelecido um primeiro plano de acção, dividido em «aspectos económicos», «aspectos políticos», «acção física imediata» e «acção a longo prazo».

O conteúdo deste primeiro projecto de desestabilização na África Austral, contido no documento da PIDE, é por si revelador, mostrando até ao detalhe aquilo que ainda hoje afecta profundamente

te esta região do Continente africano:

(1) «Aspectos económicos»:

- a) «Torna-se necessário incrementar a política de atrasar mercadorias dirigidas à Zâmbia e transitórias por Angola, RAS, Moçambique e Rodésia»;
- b) «A RAS e a Rodésia deverão demorar igualmente a entrega de mercadorias produzidas localmente e encomendadas pela Zâmbia»;
- c) «Estudadas conjuntamente as possibilidades de aumentar as taxas portuárias e de trânsito das mercadorias destinadas à Zâmbia»;
- d) «Não aceitar pagamentos da Zâmbia em Kuachas, mas apenas em dólares US e/ou marcos alemães».

No que diz respeito aos aspectos políticos, eles resumiam-se a não «dialogar com o Governo zambiano; mas se houver lugar, por interesses de vária ordem, a qualquer diálogo, este de modo algum entrará as acções, preconizadas e/ou em curso, a menos que o Governo zambiano, como medida de boa vontade, expulse todos os terroristas do seu território e não autorize a sua passagem em trânsito».

Mas é o capítulo referente à «acção física imediata», aquele que melhor introduz às origens do banditismo armado:

- a) «Sabotagem seleccionada de equipamento e maquinaria em trânsito para a Zâmbia, a efectuar nos portos de desembarque»;
- b) «Criação de um clima de insegurança, através de acções isoladas sobre funcionários do Governo, da UNIP, etc., acções de fogo indiscriminadas que, embora efectuadas a partir de países e territórios da África Austral, possam ser sempre atribuídas a elementos dissidentes da Zâmbia, seja em que altura for»;
- c) «A hipótese de criação de campos de refugiados zambianos não têm viabilidade de ser posta em prática no respeitante a Moçambique, RAS e Rodésia, por não existirem para já quaisquer refugiados zambianos nestes territórios».

Num quarto capítulo sobre «acção a longo prazo» fala-se no «estabelecimento em Moçambique de um centro especial de treino para africanos, asiáticos e outros, com a colaboração e apoio da RAS e Rodésia».

Este centro, segundo o docu-



mento, «destinava-se a preparar» agentes secretos, agitadores («trouble makers»), e pessoas com o objectivo de «recrutarem e organizarem dissidentes nos territórios alvo (caso presente da Zâmbia e Tanzania)», bem assim como sabotadores.

Seriam «agentes convenientemente treinados, a lançar nos territórios que se pretende, mesmo além dos países vizinhos», a perspectiva deste primeiro plano de desestabilização da África Austral, preparado pelas minorias brancas então no poder.

No entanto, o início das «operações especiais» sofreria os seus primeiros reveses. Portugueses e sul-africanos, de acordo com o documento da PIDE, desconfiavam das intenções dos rodesianos.

O facto de Flowers ter considerado que a Rodésia não poderia lançar a operação contra a Zâmbia por «ter uma fronteira natural» — o rio Zambeze —, com esse país, levaria a PIDE a considerar a proposta como «impraticável, dada a inexistência de refugiados» e, por outro lado, a argumentar que «as próximas operações militares a desenvolver no distrito de Tete, dificultariam a aprovação de tal manobra».

O momento coincidia com a preparação da operação de Kaulza de Arriaga, «Nó Górdio», precedida da «Operação Relâmpago» em Tete, onde o exército colonial



Bandidos armados capturados pelas FPLM na Província de Gaza, em Outubro de 1983. Um monstro com a cabeça diferente do corpo



GE e GEP's. Criados como resultado dos contactos entre portugueses, rodesianos e sul-africanos, viriam a ser a matéria-prima para as acções de desestabilização rodesiana contra Moçambique a partir de 1977

esperava «poder derrotar e aniquilar a FRELIMO», segundo as palavras do General português.

Esta opinião dos portugueses a respeito do início das «operações especiais», bem assim como a ausência de decisão por parte da BOSS, enervaria os rodesianos que afirmariam que «outros serviços sul-africanos há, (nomeadamente a polícia e o exército) que estão desejosos de fazer uma acção concertada e dar todo o auxílio a Portugal e à Rodésia».

Estas palavras de Flowers, seriam interpretadas na África do Sul pelo General Van der Berg, como uma clara ingerência nos seus assuntos. Ele diria aos portugueses, ainda segundo o documento «muito secreto» da PIDE, que estava «bastante surpreendido com a atitude dos rodesianos, e afirmou compreender melhor os relatórios que lhe têm sido presentes pelo sr. Andries Verwey, pois podia agora afirmar que os rodesianos tinham estado a fazer um jogo muito sujo».

É em resultado destes primeiros desentendimentos que os portugueses se decidem, com apoio da África do Sul, pela criação dos «grupos especiais» e «grupos muito especiais», conforme é revelado por um anexo ao documento da PIDE. Na prática queriam estabelecer por uma operação independente da Rodésia que pudesse «dar em causa» a actualção da FRELIMO.

De Angola, onde já tinham sido criados os «Flechas» é trazido para Vila Pery (Chimoio) o Major Alvaro Cardoso com o objectivo de recriar este grupo em Moçambique, enquanto no Dondo se iniciam em 1972 os preparativos para a formação dos «GE» e «GEP», de triste memória em Moçambique.

A proposta «operação» dos rodesianos ficaria, deste modo, parcialmente amputada. Mas, na prática a iniciativa portuguesa criaria a matéria-prima para uma operação de muito maior envergadura contra a República Popular de Moçambique a partir de 1976.

Com efeito, seria o homem que se reuniu a 8 de Julho em Salisbúria com Gomes Lopes, a admitir que para desestabilizar Moçambique a «Rodésia contou logo de início com ex-elementos dos Flechas, PIDE e GE's que, com medo, tinham vindo para a Rodésia».

Jack Barry que foi co-responsável pela proposta sobre as «operações especiais» em Julho de 1971, a mando de Ken Flowers, seria também o primeiro instrutor de um campo que os rodesianos estabeleceram perto da fronteira de Manica nos inícios de 1977, para desestabilizar Moçambique. Seria o campo de Odzi, no sopé da montanha de Chimanimani, perto da cidade de Melsetter.

É daí que o regime ilegal rodesiano lança as primeiras operações de desestabilização contra Moçambique, utilizando as sementes do banditismo produzidas pelo exército colonial português. É o próprio Alvaro Cardoso quem conduz a primeira operação, dirigida contra a central hidroeléctrica de Mavuzi, na província de Manica, ficando mais tarde apenas com a missão de instrutor em Odzi.

Hoje, Ken Flowers afirma que os rodesianos não contaram com nenhum auxílio da África do Sul enquanto estavam no poder o Primeiro-Ministro Vorster e o General Van der Berg. Contudo sabia, tal como afirmara em 19... aos portugueses: «outros serviços sul-africanos há (nomeadamente a polícia e o exército)».

De notar que em 1971 era Ministro da Defesa o actual Presidente Botha, estando os serviços secretos militares da África do Sul a cargo do General Westhuizen que, em 1979, e ainda de acordo com Flowers, «se interessou imediatamente pela operação contra Moçambique».

Segundo nos afirmou o cérebro das «operações especiais», o ataque realizado em 1979 contra os tanques de combustível na Beira foi uma «operação conjunta rodesiana - sul-africana, com o auxílio de um submarino do exército da África do Sul».

Do mesmo modo e quando já não restavam dúvidas de que a Rodésia iria dar lugar ao Zimbábue independente, um avião «C-130» da força aérea sul-africana voou para a base de Grand-Reef, perto de Mutare, apenas uma semana antes, da Independência, para levar para Voorkeer, em Pretória, os homens que tínhamos utilizado contra Moçambique».

As sementes do banditismo estavam lançadas contra a África Austral. Elas tinham sido preparadas em Moçambique a partir de 1971, reproduzidas na Rodésia a partir de 1976 e transplantadas para a África do Sul em Fevereiro de 1980. O plano das «operações especiais», transformava-se no monstro da desestabilização sul-africana contra a África Austral.